

A ESCOLA-PARQUE, UMA EXPERIÊNCIA PROJETUAL ARQUITETÔNICA E PEDAGÓGICA

■ ANGELA WEST PEDRÃO

Escola-Parque é, na realidade, um apelido que responde por um complexo educacional, chamado de Centro Educacional Regional, planejado para se tornar um modelo no território nacional, tanto no seu perfil pedagógico, quanto em sua viabilização física. O

único trabalho completo e concluído correspondente a este modelo foi construído em Salvador, no Estado da Bahia, e foi nomeado Centro Escolar Carneiro Ribeiro, inaugurado em 1950, ainda faltando um par de unidades - terminadas em 61 -, e que se tornou amplamente conhecido simplesmente como Escola-Parque.

A experiência da Escola-Parque foi evento único por ter resultado da conjugação bem-sucedida entre um método pedagógico criado por Anísio Texeira e um conjunto de princípios arquitetônicos modernistas desenvolvidos pelos arquitetos Diógenes Rebouças e Hélio Duarte.

Originalmente, o projeto seria desenvolvido em conjunto com outras oito unidades que não chegaram a ser concluídas, tendo sido a Escola Carneiro Ribeiro a única concluída na cidade de Salvador, no bairro pobre da Caixa D'Água.

O principal mérito desta obra é o de ser a realização de um projeto com finalidade social, portanto de difícil concretização, que teve seus objetivos cumpridos satisfatoriamente. Trata-se, além do mais, de demonstração de precisão e elegância na identificação e solução dos problemas observados, atentando para a aplicação de alta tecnologia, mesmo com poucos recursos disponíveis, com muita criatividade. A Escola-Parque é, sem dúvida, um ponto alto da produção intelectual brasileira.

A base teórica e pedagógica e seus principais objetivos foram estabelecidos por Anísio Teixeira (1900-1971), baiano de Caetitê, que tomou como pontos de partida, primeiro, a imensa massa humana imersa na pobreza e na ignorância, que havia permitido a continuidade da mesma oligarquia no poder nos últimos séculos no Brasil; segundo, utilizou como referência teórica as idéias desenvolvidas por John Dewey que preconizou a New School (Escola Nova).

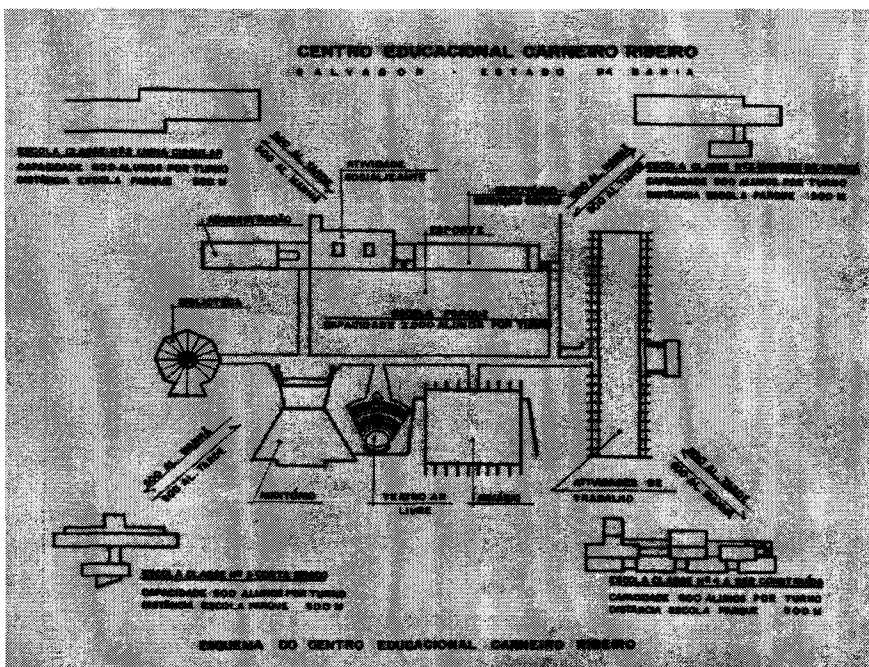
O esboço das principais idéias de Teixeira já estava escrito no ano de 1935. Fazendo uma pequena porém necessária ressalva, isto constitui um período inferior a 60 anos desde a abolição da escravatura, e profundas diferenças ainda se percebem entre os grupos sociais brasileiros. Não apenas um problema de diferença de cor, mas de diversidade cultural e de imensa desigualdade nas oportunidades de participação na sociedade como um todo.

A educação no início do século era dividida em dois grandes grupos. O primeiro destinava-se a prover a elite no poder: os abastados se agrupavam em colégios privados, e a incipiente

■ Mestre pela Faculdade de Arquitetura da UFBA,
Coordenadora do núcleo DOCOMOMO Brasil

classe média dispunha de alguns colégios públicos localizados em sua vizinhança. O segundo foi planejado para atender à população pobre, que apenas aprendia a ler e escrever e dificilmente passava do primário, por uma combinação de evasão escolar (pela necessidade de trabalhar) e indisponibilidade de graus subsequentes. Não se costumava ter muito critério na escolha do local e do tamanho destes estabelecimentos. Nas palavras de Teixeira, assim formava-se a geração seguinte submetida à estrutura de poder vigente.

Por outro lado Teixeira havia entrado em contato com o trabalho de Dewey enquanto preparava seu mestrado na Universidade de Columbia. Dewey construiu o conceito de Escola Nova, que considerava a educação uma ciência aplicada, produto de duas matrizes teóricas: a psicologia e a sociologia. Ele compreendia que aprender era uma atividade integral que deveria combinar corpo



e espírito, e, portanto, possuir atividades manuais e intelectuais, respeitando sempre os interesses da criança. Dentro deste universo foram incorporadas as idéias de Omer Buyse, cujo livro *American Methods of Education* foi traduzido para o português pelo próprio Teixeira em 1927. Este trabalho, junto com o de Dewey, enfatizava a importância da arte na educação, especialmente através do desenho. Por exemplo, ao invés de dar às crianças de uma mesma sala ou grau um único desenho que seria preenchido com cores, cada criança teria que fazer seu próprio desenho de acordo com o tema dado. A arte, sob este aspecto, não era considerada um objetivo estético em si ou uma representação realista do mundo. Para reforçar esta concepção, o Movimento Moderno estava ampliando vigorosamente as possibilidades de significado e de forma de expressão. A arte deveria ser um caminho para o autoconhecimento e afirmação e deveria servir para fortalecer a identidade e a personalidade da criança.

A educação era entendida essencialmente como uma atividade prática de aprendizagem por parte da criança do que propriamente de ensino por parte do professor, a quem cabia, em última instância, estimulá-la ao máximo para conseguir esta realização, coisa que deveria ocorrer sempre pelo estímulo sensorial da criança.

Teixeira procede ao estabelecimento de sua própria perspectiva do problema educacional no Brasil. Ele antevê um futuro ambicioso para este país, que participaria ativamente como uma potência econômica e cultural. Para se tornar um país desenvolvido, a democracia seria a única organização plausível, em que prosperidade e igualdade

reinariam, e isto só seria possível através de uma educação altamente qualificada. Uma educação que deveria ser pública (gratuita), uniforme e obrigatória.

Para completar a idéia, Teixeira se refere à construção do **homem comum**, que todos deveriam ser, e que completaria a **socialização** dos indivíduos. Através de um modo muito lógico de raciocínio, ele estabelece a família como a célula principal da sociedade ideal e acredita que a educação deve ser uma formação complementar à da família, considerando a escola, portanto, uma extensão do lar da criança. Esta imbricação revela que, de forma reversa, a vida em família devia servir à sociedade, para a qual a sociedade como um todo estaria voltada. As crianças, assim, estariam preparadas para assumir futuras responsabilidades e serviços, em que mulheres tomariam conta da casa preparando comida, cuidando da saúde e correta orientação moral da casa, enquanto que os homens contribuiriam com a parte produtiva do sistema.¹

Para conseguir um modelo de educação em massa, na proporção exigida por um país tão grande e com tantos contrastes, Teixeira adota uma estratégia de ação detalhada, porém flexível, em que todos os aspectos observados do problema são inseridos em unidades funcionais, que são operadas e aplicadas de acordo com o nível de complexidade encontrado. Ele observa, e esta é uma característica que se manifesta cedo em seu trabalho, a distinção entre a educação rural (ou “zonas de população dispersa”) e a urbana, que, em virtude de suas circunstâncias particulares, deveriam ser tratadas separadamente, mantendo, contudo, a mesma lógica e princípios educacionais. Isto era necessário não



Entrada da Escola-Parque



Articulação entre edifício administrativo e refeitório

apenas em decorrência de dinâmicas específicas que fizeram com que a cultura econômica se transformasse de um quase total extrativismo para uma sociedade industrial, causando assim forte migração em direção aos assentamentos urbanos, mas também porque se estabeleceu que a educação formal prepararia cada grupo a seus interesses inerentes de trabalho. Desta forma, o interior do país não estaria isolado de seus centros principais, mas faria parte também da totalidade do sistema educacional, respeitando as identidades e aspectos culturais próprios.

No Rio de Janeiro na década de 30, Teixeira propõe para a escola urbana que o estudante permaneça o dia inteiro, num duplo turno escolar, já que, em casa, as crianças pobres

não dispunham de quem cuidasse delas, seus pais se ausentavam o dia todo para trabalhar, e o serviço de creches estava muito longe de atender efetivamente à população. Numa parte do dia o estudante freqüentaria a **escola clássica**, onde seria **instruído**, o que se chamaria Escola-Classe; e na segunda parte do dia a criança faria parte da Escola-Parque, onde as crianças seriam **educadas**. Neste lugar seriam alimentadas, banhadas, atendidas por médicos e dentistas. Seria oferecida uma série de atividades incluindo esportes, artes aplicadas (que ele chama de artes industriais ou educação pré-vocacional), dança, música e teatro. Estas atividades eram destinadas a desenvolver a formação e afirmação do caráter da criança e, ao mesmo tempo, levá-las a respeitar o próximo e a trabalhar em grupo para a comunidade. Haveria intensa relação com a vizinhança, prevista através de outras funções da escola como lugar de reuniões para os adultos e de uma estação de rádio. Era destinada ainda 5% da capacidade da escola para regime de internato, inclusive para preparação de professores. O futuro adulto se tornaria confiante, afirmativo, não negaria suas origens e seria capaz de trabalhar pela sociedade como um todo; ele seria um **homem comum socializado**.

Para a correta e total implantação das Escola-Classe e Escola-Parque, Teixeira defende a educação pública e autônoma, numa escala municipal, o que permitiria a elaboração de planos curriculares adequados para cada região. Esta atitude custa a Teixeira a fúria da elite e de parte da Igreja,

que viam nele uma ameaça à estável e confortável estrutura de poder existente então.² Teixeira foi duas vezes em vida destituído de seus poderes públicos: a primeira vez durante a ditadura do Estado Novo (1937-1945) e a segunda depois do golpe de 64, que durou até sua morte em 1971, quando caiu misteriosamente no fosso de um elevador.

Já nos anos 30, enquanto exercia cargo de Secretário de Educação no Rio de Janeiro, Teixeira descreve a importância do aspecto físico da educação através dos edifícios escolares, ao criticar as condições precárias encontradas. Ele ressalta a necessidade de um terreno bom, boa forma (não específica) e distribuição interna do edifício, economia e efetividade, isolamento (acústica), ventilação e

iluminação adequadas, equipamento funcional, chamando a atenção, inclusive, para o bom acabamento. Ele entende 40m² como a área mínima aceitável para a sala de aula. Teixeira faz menção aos planos desenvolvidos pelo engenheiro-arquiteto chefe Enéas Silva, da Divisão de Edifícios e Equipamentos Escolares, que pode tê-lo auxiliado no desenvolvimento e organização formal das suas idéias.³ Sua participação não é clara, mas é possível que tenha intervindo no desenvolvimento dos tipos diferentes adotados para a Escola-Classe e a Escola-Parque. Foram ao todo quatro tipos de Escola-Classe: a escola mínima, a escola nuclear, a escola média e o grupo escolar completo, e ainda um quinto tipo, que era a Escola-Parque.

As Escolas-Classe propostas eram extremamente simples e econômicas, porém eficientes no seu propósito: possuíam planta quadrada, modulada para ser reorganizada quando necessário, e não havia outras especificações ou exigências técnicas construtivas. Os tipos variavam em tamanho e número, quantificados de acordo com a vizinhança que atenderiam e sempre relacionados com a Escola-Parque, que possuía papel central coordenador e que tinha capacidade de absorver um número combinado variável de estudantes das Escolas-Classe. O trabalho em dois turnos já era utilizado no país, mas, com o intuito de otimizar o espaço disponível, agora, ao invés de ser alternativo e excludente, o duplo turno se torna simultâneo e complementar. O objetivo de Teixeira era prover assistência educacional a todas as crianças no Brasil em um curto período de tempo.

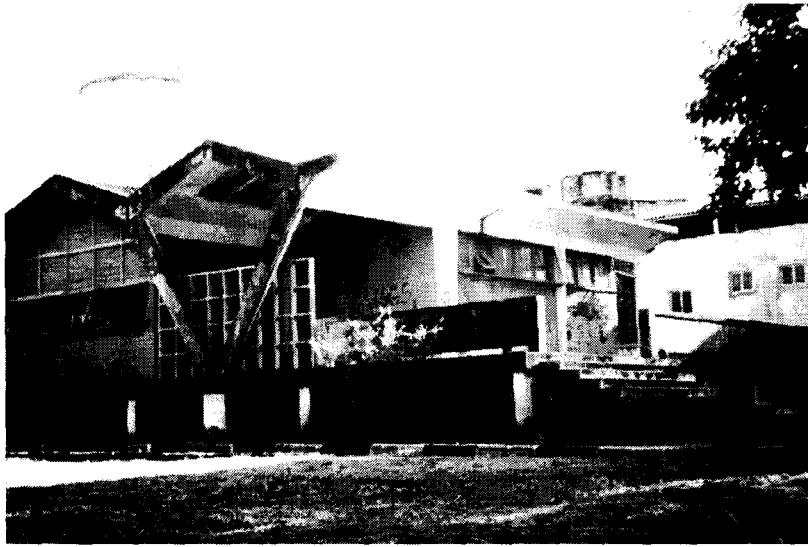
Depois de um período de ausência em virtude da configuração política, Teixeira assume a Secretaria de Educação do Estado da Bahia em meados dos anos 40, quando decide implementar seu modelo pedagógico. Ele planeja, no total, oito Escolas-Parque, cada uma com um número variável de Escolas-Classe em torno dela (a diferentes distâncias). Somente uma é finalmente construída, no bairro da Caixa D'Água, um bairro pobre, fundado por antigos escravos. Para desenvolver os projetos de arquitetura e engenharia ele contrata os serviços de um escritório do Rio de Janeiro, a cargo do engenheiro Paulo Assis Ribeiro. Em Salvador os arquitetos Diógenes Rebouças e Hélio Duarte são responsáveis pelos planos. O exato papel de cada um não é precisamente conhecido. Ribeiro parece ter sido responsável pelo cálculo do fluxo entre as Escolas-Classe e as Escolas-Parque, chegando a um número estimado necessário de vagas, tendo portanto

participado ativamente da finalização do programa adotado. O complexo foi capaz de absorver 4.000 alunos, utilizando um cuidadoso sistema rotativo. Rebouças deu testemunho a respeito do problema causado pela seleção e aquisição do terreno, que se pretendia fosse maior do que aquele finalmente adquirido pelo Estado.⁴ Finalmente, Hélio Duarte, que não permaneceu até o final da obra, mas desenvolveu com extrema precisão muitos aspectos deste plano em São Paulo, ao ser responsável por outros estabelecimentos escolares naquele estado.⁵ Desta maneira, é difícil declarar a exata autoria, mas deve ser deixado bem claro que se trata de uma experiência em equipe muito bem-sucedida.

A Escola-Parque foi finalmente construída em 1947, chamou-se Centro Escolar Carneiro Ribeiro e se estendeu em 42.000m², no cume de um morro, rodeado de exuberantes plantas e árvores (que foram mantidas ao máximo pelo projeto), com boa ventilação e suficientemente ensolarada o dia todo; enfim um lugar saudável. Não obstante localizou-se num ponto central, acessível para toda a vizinhança. O programa pedagógico de Teixeira foi seguido à risca, interpretado através de um complexo formado por edifícios individuais e soltos, inicialmente quatro: um para artes aplicadas (além de desenho, artes manuais, onde materiais como madeira e metal eram trabalhados, se objetivando uma futura aplicação profissional); outro edifício foi destinado para ser refeitório; outro para ginásio de esportes, e, mais um, para setor administrativo. Foram organizados ao redor de um perímetro retangular, permitindo um amplo espaço vazio central, assim como vários espaços



Edifício administrativo da Escola-Parque



Refeitório da Escola-Parque

intersticiais entre os edifícios. Construídos posteriormente e concluídos em 1960 foram a biblioteca, o teatro e o anfiteatro, fechando o perímetro descrito. Para atender e complementar a Escola-Parque foram construídas três Escolas-Classe, fora deste centro.

No conjunto, a impressão mais consistente é a quantidade de espaço livre, não simplesmente espalhado, mas centrado e alinhado, oferecido às crianças para o encontro e o jogo. Os edifícios variam em aspecto, mas possuem os mesmos objetivos estéticos e princípios construtivos. Parecem leves e, às vezes, até transparentes e permeáveis. Foram concebidos para ser econômicos e fáceis de construir e reproduzir, possuindo, contudo, linhas bastante sofisticadas. A estrutura é o elemento formal determinante, e os pilares se destacam na sua elaboração. São concebidos através da geração de um contorno, delineando uma seção alongada com pilares correspondentes, que forma, então, o volume principal do edifício. São cobertos por estruturas em madeiras leves, que suportam telhas em fibrocimento (anteriormente de asbesto).

O edifício para artes parece, por exemplo, o resultado da mistura de galpão industrial e hangar, tendo 4.000m². A estrutura singular e autônoma possui duas alas para trabalhos – uma, para meninas, e outra, para meninos, com atividades específicas para cada um – e uma ponte no meio, que serve para apoio administrativo. Não existem divisões internas (planta livre), em função das esperadas transformações e renovações tecnológicas das máquinas utilizadas. Os elementos principais encontrados na estrutura parecem uma espinha: pilares curvos ligeiramente inclinados, a uma altura média, fechados no topo por uma estrutura cruzada em

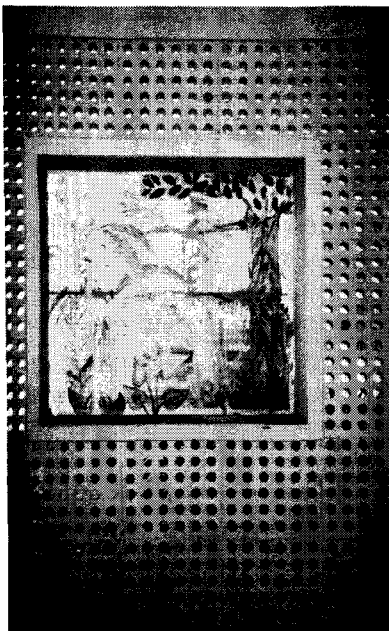
madeira, fornecendo um pé direito alto, arrematado por leves elementos de fechamento (materiais quase sempre sem revestimento), como vidros (em menor quantidade) e amplo uso de combogós, que são tijolos furados ou simples, dispostos de forma desigual, o que permite a constante renovação de ar, equilíbrio de umidade e boa iluminação. Este edifício possui também painéis artísticos de Maria Celia Amado, Mario Cravo, Caribé, Carlos Magno e Jenner Augusto.

O ginásio de esportes é similar ao edifício de artes, mas é dividido em dois níveis. A parte superior serve às atividades mencionadas, e, embaixo, se encontram os banhos e enfermarias. A circulação vertical é mantida do lado de fora.

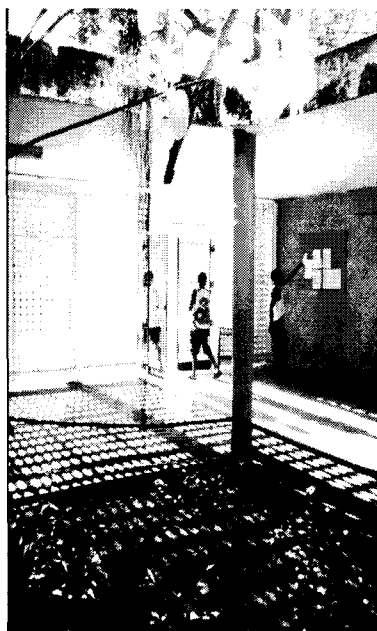
Os edifícios para o setor administrativo e refeitório obedecem ao mesmo princípio da seção estrutural repetida, que, neste caso, produz dois edifícios, modulados e articulados. Não há diferenciação hierárquica formal entre ambos. O edifício mantém, também, atividades de interface com a comunidade, como sala de reunião, rádio e até uma padaria. Aqui são utilizados pilares em forma de V, com pequenos triângulos em posição invertida unindo-os, servindo de vigas (formando um perfil em forma de diamante). Esta estrutura leve e quase transparente suporta uma leve estrutura também em madeira. Como materiais de fechamento se encontram principalmente painéis de combogós. A superfície parece ter mais aberturas do que áreas fechadas, dando-se a impressão de que, mesmo dentro, se compartilha do ambiente externo.

A biblioteca posterior de Rebouças é mais opulenta, porém mantém a mesma lógica. Ao invés de o perfil estrutural gerar um volume prismático, ele faz uma rotação em uma das bases, formando assim um edifício circular, de planta octogonal. É fechado com painéis de vidro e rodeado exteriormente por densa vegetação, que é mantida ao máximo, enfatizando-se a presença de árvores frutíferas. Os sentidos das crianças são continuamente estimulados pela variedade do entorno.

Os arquitetos foram, sem dúvida, inspirados pelo programa apresentado por Teixeira e obviamente o integraram com facilidade aos problemas existentes de necessidade de renovação da arquitetura, do rápido domínio da técnica do concreto armado e aos crescentes interesses em estabelecer uma expressão formal comprometida com o contexto cultural específico, de maneira a desenvolver uma identidade autônoma e afirmativa. Isto resulta em um produto com adequação climática, na otimização de tecnologia de alta qualidade junto a limitados recursos disponíveis, ao passo que se preserva um *standard*



Aberto versus fechado



Pátio de entrada

construtivo internacional. Apesar de não haver teorização direta por parte dos autores sobre este trabalho, eles deixam pistas quanto à estratégia de abordagem. O programa é seguido rigorosamente, mantendo a mesma linha de raciocínio, porém adotando para sua solução final amplas possibilidades formais.

A eficiência deste projeto se encontra na imbricação muito fina de idéias comuns entre o propósito pedagógico e o repertório arquitetônico. Isto acontece em dois níveis: o primeiro, nos objetivos filosóficos, em que o homem é centrado e igualado; e o segundo é a configuração conceitual, em que ambos os campos de compreensão utilizam a mesma base tecnicista para se expressarem. Isto pode ser considerado um exemplo bem desenvolvido da ação modernista, quando diferentes conhecimentos aplicados são combinados e fluem em um sentido coincidente, provavelmente sendo esta a única maneira de serem realmente efetivos, de forma a se conseguir a pretendida transformação da sociedade.

Finalmente, este é um exemplo que envolve a razão da conservação da arquitetura⁶. Os valores e *standards* educacionais certamente mudaram, mas a idéia central ainda é fortemente humanista. A permanência física do complexo só será dignificada enquanto se mantiver viva sua missão social.

Notas

¹Teixeira achava que a inserção da mulher no mercado de trabalho havia sido meramente incidental em consequência das passageiras agruras financeiras

internacionais e das guerras, mas achava que esse não seria um equilíbrio natural da sociedade.

²Cabe fazer um curto relato da relação de Teixeira com a Igreja. Na sua juventude chegou a comunicar a seus pais a decisão de entrar para a Companhia de Jesus, no que ele foi dissuadido pelos mesmos. Anos depois é inquirido quanto à ausência do ensino religioso no seu modelo educacional, ao que ele responde que nenhum poder organizado da sociedade devia se impor no sistema educacional, nem mesmo o Estado ou a Igreja, e que esta – a escola – deveria permanecer sempre como extensão da autoridade da família. Acrescenta que o caráter universalista da escola deveria permanecer, e a opção de se fazer prevalecer um desses poderes a tornaria automaticamente excludente. Darcy Ribeiro comenta que Teixeira, contudo, virá a receber o apoio parcial de uma Igreja dividida entre os anos 50 e 60 na figura de Dom Helder.

³Ele se refere a desenhos que contudo não aparecem publicados em “Os Prédios e o Aparelho Escolar” (1997 (1935)).

⁴Na reprodução da planta de localização das escolas (Revista Fiscal da Bahia, 1949:136), vê-se a distribuição dos Centros Regionais de Educação (que constituiriam o total de 10 em todo o estado), que se estendem, todos articulados na zona urbana de Salvador, pelas suas cumeadas. Muito provavelmente esta organização deve ter sido sugerida por Rebouças, que notoriamente possuía profundo conhecimento da topografia da cidade de Salvador. Nesta planta, inclusive, aparecem indicados, em torno de cada Centro Regional de Educação, quatro Escolas-Classe, mas não se especifica se isto é apenas indicativo ou, de fato, a quantificação proposta.

⁵A Hélio Duarte é atribuída a autoria de, pelo menos, os modelos de Escola-Classe n. 2, n. 3 e n. 4 e, ainda, do edifício das “atividades de trabalho” e de “educação física” (Revista Fiscal da Bahia, *op. cit.*:140-143). A Escola-Classe n. 1 é atribuída a Diógenes Rebouças (Revista Fiscal da Bahia, *op. cit.*:139).

⁶Como expressa a ação DCOMOMO (rede internacional dedicada à documentação e conservação da arquitetura do movimento moderno) e cuja seção na Bahia vem se dedicando a identificar, compreender e preservar as expressões da arquitetura e do urbanismo modernos.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, S. Escola-Parque: Paradigma Escolar (1947-1951). Tese Faculdade de Educação-UFBa n. 120.
- BRUAN, Y. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1997.
- ORMINDO, P. Crise e Modernização, a Arquitetura dos Anos 30 em Salvador. In: SEGAWA, Hugo (org.). *Arquitetura no Brasil*. Anos 80. São Paulo: Projeto Editores, 1990.
- RABELLO, R. A Representação da Arte na Escola-Parque da Bahia (1955-1965). Tese Faculdade de Educação-UFBa n. 145.
- REVISTA FISCAL DA BAHIA. *Quatro Séculos de História da Bahia*. Edição comemorativa do quarto centenário de Salvador. Salvador, 1949.
- TEIXEIRA, A. Os Prédios e o Aparelhamento Escolar. In: *Educação para a Democracia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997 (1935).
- _____. A Educação Pré-Escolar. In: *Educação para a Democracia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997 (1935).

Cartas

www.prossiga.anisioteixeira